

A ALIANÇA ENTRE DEUS E SEU POVO

A origem da aliança entre Deus e Israel é registrada em Êxodo 19. Essa aliança foi estabelecida para regulamentar todos os acordos entre o Senhor e Seu povo a partir daquela data em diante.

Israel chegou ao deserto do Sinai no terceiro mês depois de sair do Egito e acampou ao pé do monte Sinai (19:1, 2). Em seguida, Moisés subiu o monte. Lá Deus mencionou tudo o que tinha feito em favor dos israelitas e propôs que Israel se tornasse Seu povo especial, se obedecesse às Suas palavras (19:3–6). Moisés repetiu a proposta de Deus ao povo, o qual concordou em fazer tudo o que o Senhor ordenou (19:7, 8).

O Senhor disse que Ele falaria pessoalmente com o povo, então Moisés orientou os israelitas a consagrarem-se para o encontro com o Senhor. Entretanto, ninguém deveria aproximar-se do monte sagrado (19:9–15). No terceiro dia, Deus manifestou Sua presença ao povo (19:16–19). Em seguida, Ele instruiu Moisés a voltar ao cume do monte, levando Arão com ele (19:20–25).

CHAMADO DE DEUS PARA ISRAEL (19:1–9)

¹No terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no primeiro dia desse mês, vieram ao deserto do Sinai. ²Tendo partido de Refidim, vieram ao deserto do Sinai, no qual se acamparam; ali, pois, se acampou Israel em frente do monte. ³Subiu Moisés a Deus, e do monte o SENHOR o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel: ⁴Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. ⁵Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos

os povos; porque toda a terra é minha; ⁶vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.

⁷Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas estas palavras que o SENHOR lhe havia ordenado. ⁸Então, o povo respondeu à uma: Tudo o que o SENHOR falou faremos. E Moisés relatou ao SENHOR as palavras do povo. ⁹Disse o SENHOR a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também creiam sempre em ti. Porque Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao SENHOR.

Versículos 1, 2. Os israelitas chegaram ao deserto do Sinai no terceiro mês depois que saíram do Egito, no primeiro dia.¹ John J. Davis observou que “a tradução judaica colocou esse evento no primeiro dia do terceiro mês do ano judaico”. Ele acrescentou que “tradição similar atribui a promulgação da lei ao quinquagésimo dia após a Páscoa, mas isso parece ser de uma origem muito recente para ser considerado histórico”.²

¹John I. Durham sugeriu que a frase “no primeiro dia” significa que no mesmo dia em que chegaram ao monte, Moisés subiu para encontrar-se com Deus. John I. Durham, *Exodus* (“Êxodo”), Word Biblical Commentary (Comentário Bíblico), vol. 3. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 261.

²John J. Davis, *Moses and the Gods of Egypt* (“Moisés e os deuses do Egito”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, 1986, p. 202. Citando Francis D. Nichol, ed., *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary* (“Comentário Bíblico Adventistas do Sétimo Dia”). Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1953, p. 593 e C. F. Keil and F. Delitzsch, *The Pentateuch* (“O Pentateuco”), vol. 2, trad. James Martin, Biblical Commentary on the Old Testament (Comentário Bíblico sobre o Antigo Testamento). Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949, p. 89. James Burton Coffman aceitou a teoria de que a entrega da lei ocorreu exatamente cin-

Umberto Cassuto calcula os dias envolvidos na revelação do Sinai como a seguir:

- 19:1 “No primeiro dia” era o primeiro dia do mês.
- 19:3 “Subiu Moisés a Deus” de manhã cedo no dia seguinte, o segundo dia do mês. No mesmo dia, Moisés transmitiu novamente as palavras de Deus ao povo.
- 19:8 “Moisés relatou ao SENHOR as palavras do povo” no terceiro dia do mês. Em contrapartida, Deus deu instruções a Moisés, conforme mencionado em 19:9b; em seguida, Moisés levou essas instruções ao povo.
- 19:9b “Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao SENHOR” quando ele deu o parecer favorável do povo à proposta de Deus no dia seguinte, o quarto dia do mês.
- 19:10 “Hoje e amanhã” referem-se ao quarto e quinto dias do mês.
- 19:11 “O terceiro dia” desta sequência foi o sexto dia do mês.³

Cassuto concluiu seu pensamento dizendo,

Consequentemente, o dia da revelação foi o sexto dia do mês, que marcou o fim da sétima semana após o êxodo dos israelitas da terra do Egito. A tradição posterior que vincula a Festa das Semanas com o dia da revelação no monte Sinai concorda, aparentemente, com o significado real do texto.⁴

O texto indica que a última parada de Israel antes do Sinai foi em **Refidim** (17:1, 8). A passagem repete-se; os fatos aparecem três vezes. Alguns estudiosos atribuem esse fenômeno ao uso de fontes diferentes. Entretanto, essa não é uma repetição desnecessária; cada oração se sobrepõe, acrescentando

quenta dias após a Páscoa. (James Burton Coffman, *Commentary on Exodus, The Second Book of Moses* [“Comentário sobre Êxodo, O Segundo Livro de Moisés”]. Abilene, Tex.: ACU Press, 1985, p. 259.)

³ Adaptado de Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Exodus* (“Um Comentário sobre o Livro de Êxodo”), trad. Israel Abrahams. Jerusalém: Magnes Press, 1997, pp. 224–29.

⁴ *Ibid.*, p. 229.

informações à narrativa. A relação entre as três orações pode ser ilustrada como a seguir:

Onde eles estavam (área geral):

19:1b: **...vieram ao deserto do Sinai.**

O que eles fizeram (eles acamparam-se):

19:2b: **...vieram ao deserto do Sinai, no qual se acamparam...**

Onde eles acamparam-se (área específica):

19:2c: **...se acampou Israel em frente do monte.**

A repetição pode ter sido feita com a intenção de enfatizar a chegada de Israel ao monte – monte Sinai, o “monte de Deus” – para onde Deus havia prometido trazer o povo.⁵ No terceiro mês depois de sair do Egito, os israelitas acamparam-se ao pé do monte Sinai.

Versículo 3. Quando os israelitas se acamparam junto ao monte Sinai, **Subiu Moisés a Deus** pela primeira vez. Enquanto Moisés permaneceu no **monte**, Deus disse-lhe para dar a Israel a oportunidade de fazer uma aliança com Ele. A repetição poética é encontrada nas frases **falarás à casa de Jacó** e **anunciarás aos filhos de Israel**, expressões que compartilham o mesmo significado.

Versículo 4. Deus começou Sua proposta falando sobre o que tinha feito para Israel. Ele tinha vencido os **egípcios** por meio de pragas e destruindo seu exército no mar. Ele tinha levado os israelitas **sobre asas de águia** pelo deserto e os chegou a Ele no monte Sinai. A metáfora “asas de águia” sugere que Deus levou os israelitas da mesma maneira que a mãe águia leva seus filhotes quando aprendem a voar (veja Deuteronômio 32:11). A imagem ilustra o terno cuidado de Deus e a completa dependência de Israel. Achegando Israel a Si Mesmo no monte, Deus cumpriu uma promessa que tinha feito antes (3:12).

No início do processo de estabelecimento da aliança, Deus anunciou a base da aliança. Ele não estava fazendo uma aliança com Israel porque os israelitas eram justos. Na verdade, desde que Israel saiu do Egito, o povo provou, com frequência, não ter fé, ser esquecido e ingrato. Pela graça, Deus es-

⁵ Com relação a outra passagem, Cassuto comentou: “A referência tripla a um assunto importante (versículos 12–13; 21–22; 24) está de acordo com uma prática literária comum”. (*Ibid.*, p. 233.)

MOISÉS SOBE O MONTE SINAI¹

1ª subida. Deus ofereceu uma aliança (19:3–7). Deus propôs fazer uma aliança com Israel. Moisés desceu e repetiu essa proposta a Israel.

2ª subida. O povo aceitou a proposta (19:8b–15). Moisés levou a resposta de Israel a Deus e recebeu uma mensagem de que Deus desceria sobre o monte.

3ª subida. Deus preparou o povo para receber a lei (19:20–25). Deus chamou Moisés para subir o monte a fim de avisá-lo para não deixar o povo aproximar-se e dizer-lhe para subir com algumas pessoas; 19:25 relata que Moisés desceu e avisou o povo. Em Êxodo 20, Deus deu dez mandamentos para a congregação que estava junto ao monte. O povo ouviu a voz de Deus de onde estavam. Assustados, pediram para Moisés falar por eles.

4ª subida. Deus deu a lei detalhadamente para Moisés (20:21–23:33). A afirmação de que Moisés “se chegou à nuvem escura onde Deus estava” refere-se à subida seguinte de Moisés ao monte. Deus deu as leis no Livro da Aliança, e Moisés deu essas leis ao povo e as anotou (24:3, 4). A passagem 24:3 registra que Moisés desceu; mas antes de descer, ele recebeu a palavra de que deveria subir novamente e levar outras pessoas com ele (24:1, 2).

5ª subida. Deus encontra-se com os líderes de Israel (24:9–11). Moisés levou um grupo de líderes para o monte e eles fizeram uma festa para firmar sua aliança com Deus.

6ª subida. Deus deu instruções para a construção do tabernáculo (24:12–31:18). Moisés subiu para receber as “tábuas de pedra, e a lei, e os mandamentos” (24:12). Ele também recebeu as instruções para construir o tabernáculo. Desta vez, ele ficou lá por quarenta dias e quarenta noites (24:18). Ao retornar para o acampamento israelita, ele tinha as tábuas de pedra com os mandamentos escritos nelas pelo dedo de Deus (31:18; Deuteronômio 5:22) – mas descobriu que o povo estava envolvido com idolatria (capítulo 32).

7ª subida. Moisés recebeu a lei pela segunda vez, quando Deus renovou a aliança (capítulo 34). Moisés subiu com duas novas tábuas de pedra, viu Deus e recebeu os dez mandamentos pela segunda vez. Ele permaneceu no monte por quarenta dias e quarenta noites (34:28).

¹Estudiosos têm inferido subidas adicionais a partir das passagens 19:9 e 32:31.

colheu Israel por causa das promessas feitas aos patriarcas, especialmente as promessas feitas a Abraão. A aliança era baseada na graça de Deus em favor de Israel – no que Deus tinha feito por Israel, não no que Israel tinha feito ou prometido fazer para Deus (Deuteronômio 7:6–8; 9:4–6).

Versículo 5. Depois de falar sobre Seus próprios atos de graça como a base da aliança, Deus enunciou os termos da aliança. A responsabilidade de Israel era **ouvir** à voz de Deus e **guardar** Sua **aliança** – duas maneiras de dizer a mesma coisa. Por sua vez, Deus abençoaria Israel, tornando-o Sua própria **propriedade peculiar dentre todos os povos** do mundo. Essa passagem afirma que, independente do que possa ser dito sobre os israelitas, eles eram o povo especial de Deus no Antigo Testamento.⁶ Deus tinha o direito de escolher Israel por-

⁶Durante a era mosaica, Israel era o povo escolhido de Deus. Entretanto, sob a nova aliança, a distinção entre judeus e

que **toda a terra** pertence a Ele.

A expressão “Minha propriedade peculiar” (הִי־אֵלֶי לִי, *li s^egullah*) também é traduzida como “um tesouro peculiar para mim” (KJV, Versão King James), “um tesouro especial para mim” (NKJV, Nova Versão King James), “meu tesouro pessoal” (NRSV, Nova Versão Padrão Revisada; NVI, Nova Versão Internacional) e “minha propriedade exclusiva” (NJB, Bíblia Nova Jerusalém). A frase aparece em outros textos que também descrevem o relacionamento de Israel com Deus (Deuteronômio 7:6; 14:2; 26:18; Salmos 135:4). O termo *s^egullah* em si é associado a tesouros pessoais como prata e ouro (1 Crônicas 29:3; Eclesiastes 2:8). Neste contexto, a linguagem refere-se a uma propriedade conqui-

gentios foi eliminada (Gálatas 3:26–29; Efésios 2:13–18). Portanto, na era atual, os judeus como pessoas (ou Israel como nação) não são mais os escolhidos de Deus em relação aos outros povos da terra.

tada mais valiosa do que todas as outras. Portanto, o privilégio de ser “o povo” de Deus (CEV, Versão Contemporânea em Inglês) implica bênçãos especiais, pois Deus cuida daqueles que lhe pertencem e os abençoa.

Versículo 6. Deus acrescentou a essa ideia o fato de que Israel seria **reino de sacerdotes e nação santa**. “Reino de sacerdotes” (מַמְלֶכֶת כֹּהֲנִים, *mamleketh kohanim*) é traduzido como “reino sacerdotal” na NRSV (Nova Versão Padrão Revisada). Walter C. Kaiser, Jr., disse que, na verdade, existem quatro traduções possíveis para essa frase hebraica: “reis [ou seja] sacerdotes”, “sacerdócio real”, “reino sacerdotal” e “reis (e) sacerdotes”.⁷

James Burton Coffman afirmou que essa passagem demonstra “que o sacerdócio judaico que, mais tarde, o Senhor deu a Israel *não* era a intenção original”. Originalmente Deus pretendia que cada fiel servisse como um sacerdote.⁸ No entanto, o sistema sacerdotal não foi uma ideia posterior ou uma alternativa inferior no plano de Deus. Esse sistema, iniciado logo após esse período, era uma “sombra das coisas boas que estavam por vir” (Hebreus 10:1), permitindo que as pessoas futuramente compreendessem com maior clareza os acordos de Deus com os homens que estavam debaixo da nova aliança.

Em contrapartida ao ponto de vista de Coffman, a maioria dos comentaristas considera a frase como uma ênfase à nação inteira como um “reino de sacerdotes” ou um reino sacerdotal, em vez de pessoas individualmente como sacerdotes. R. Alan Cole, por exemplo, escreveu: “Esse é o status sacerdotal universal de Israel para o qual se chama a atenção”.⁹ Essa compreensão enfatiza o tipo de nação que Israel deveria ser. John I. Durham disse que a frase “descreve o que Israel sempre deveria ser: um reino que não fosse governado por políticos que dependem de força e conviência, mas de sacerdotes que dependem da fé em Iavé, uma nação servil em vez de uma nação dominante”.¹⁰

⁷Walter C. Kaiser, Jr., tópico “Êxodo”, de *The Expositor’s Bible Commentary*, vol. 2, *Genesis – Numbers* (“Comentário Bíblico do Expositor”, vol. 2, “De Gênesis a Números”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1990, p. 417.

⁸Coffman acreditou que os israelitas, por causa do pecado, foram privados do privilégio do sacerdócio transferindo-o para todos os fiéis. (Coffman, p. 259.)

⁹R. Alan Cole, *Exodus: An Introduction and Commentary* (“Êxodo: Introdução e Comentário”), Tyndale Old Testament Commentaries (Comentários sobre o Antigo Testamento, Tyndale). Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1973, p. 145.

¹⁰Durham, p. 263.

Uma segunda ênfase é dada sobre o que a nação deveria fazer. Como um reino de sacerdotes, as pessoas tinham a responsabilidade de compartilhar seu conhecimento sobre o Senhor com as pessoas de outros reinos. Kaiser expressa isso com clareza: “A nação inteira deveria agir como mediadora da graça de Deus para as nações da Terra, assim como Abraão havia prometido que, por meio dele e de sua semente, todas as nações da Terra seriam abençoadas (Gênesis 12:3)”.¹¹ Durham comentou que essa expressão apresenta Israel como uma nação “comprometida com um ministério mundial da presença de Iavé”.¹²

Israel deveria ser uma “nação santa”, ou seja, uma nação separada das outras nações para uso especial de Deus. “Santo” (קָדוֹשׁ, *qadosh*) pode descrever o que é inerentemente sagrado (Deus), bem como o que se tornou sagrado (nesse caso, Israel). A palavra santidade é derivada da presença divina de Deus, bem como dos rituais divinos. Os itens, lugares e pessoas “santos” contrastam nitidamente com aqueles que são comuns ou profanos. Como a santidade origina-se em Deus, ela envolve bondade e pureza. O significado de Israel ser uma “nação santa” foi explicado detalhadamente mais tarde, especialmente em Levítico.

Versículos 7, 8a. A etapa seguinte no processo de estabelecer a aliança foi o povo aceitar os termos do Senhor. Embora Israel não merecesse ser o povo da aliança com Deus e não pudesse ditar os termos dessa aliança, Deus ofereceu-lhes a oportunidade de aceitar ou rejeitar Sua proposta. **Moisés** convocou **os anciãos**, como representantes **do povo** e apresentou-lhes as **palavras do Senhor**. Provavelmente, o povo também estava presente ou os anciãos reportaram-lhe o que Moisés tinha dito. O resultado foi este: **Então, o povo respondeu à uma: Tudo o que o SENHOR falou faremos.**

Então, esse acordo tornou-se a aliança em que se basearam as relações de Deus com Israel. Deste momento em diante, contanto que os israelitas permanecessem comprometidos em fazer “tudo o que o Senhor falou” Deus os abençoaria como Seu povo. Quando eles não fizessem “tudo o que o Senhor falou”, então Deus estaria liberado de Seu compromisso de ser protetor e provedor de Israel.

Mais tarde, conforme Deus explicou a lei mais detalhadamente, ficou claro que o povo sofreria

¹¹Kaiser, p. 416.

¹²Durham, p. 263.

maldições quando não Lhe obedecesse. Contudo, Deus não cortaria Seus laços com os Israelitas quando pecassem. O Antigo Testamento, a partir de Êxodo 19 em diante, relata a história de como Israel manteve – ou, mais frequentemente, não manteve – seu compromisso com Deus e, como consequência disso, o modo como Deus abençoou ou amaldiçoou Israel.

Versículo 8b. Nessa transação de estabelecimento da aliança, **Moisés** serviu como um intermediário. Como representante de Deus para Israel, ele transmitiu a palavra de Deus **ao povo**. E, como representante de Israel para Deus, ele anunciou a resposta do povo **ao Senhor**.

Versículo 9. O Senhor disse a **Moisés** que Ele desceria sobre o monte em uma **nuvem escura, para que o povo ou[visse] quando** Ele falasse com Moisés e **creiam** em Moisés (veja 14:31). Enquanto **Moisés** estava no monte, Deus forneceu instruções adicionais, que foram mencionadas na passagem 19:10–13.

CONSAGRAÇÃO DE ISRAEL A DEUS (19:10–15)

¹⁰Disse também o SENHOR a Moisés: **Vai ao povo e purifica-o hoje e amanhã. Lavem eles as suas vestes** ¹¹e estejam prontos para o terceiro dia; porque no terceiro dia o SENHOR, à vista de todo o povo, descera sobre o monte Sinai. ¹²Marcarás em redor limites ao povo, dizendo: **Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu limite; todo aquele que tocar o monte será morto.** ¹³Mão nenhuma tocará neste, mas será apedrejado ou flechado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá. Quando soar longamente a buzina, então, subirão ao monte. ¹⁴Moisés, tendo descido do monte ao povo, consagrou o povo; e lavaram as suas vestes. ¹⁵E disse ao povo: **Estai prontos ao terceiro dia; e não vos chegueis a mulher.**

Versículos 10–13. Depois que a aliança foi aceita pelo povo, a aceitação teve que ser proclamada publicamente. Essa proclamação formal expressaria as exigências específicas da aliança que os israelitas já tinham aceitado. Essa ocasião solene exigiu que os israelitas se **purifica-o** para o encontro com o **Senhor**. Como o Senhor é totalmente santo, um cuidado especial tinha que ser tomado em qualquer ocasião em que Ele permitisse o encontro com se-

res humanos. Portanto, depois que **Moisés** disse a Deus a resposta de Israel à Sua proposta, Deus deu-lhe instruções sobre como os israelitas deveriam consagrar-se para receber a lei.

O Senhor disse que a consagração dos israelitas deveria levar dois dias e que **no terceiro dia** Ele apareceria **à vista de todo o povo**. Como parte do processo de consagração, eles deveriam lavar suas vestes. Além disso, **o povo** deveria considerar **o monte** sagrado demais para ser **toca[do]**; os israelitas deveriam marcar **limites** ao redor do monte e não se aproximarem dele. Se, de fato, alguém ou algum animal tocasse no **monte**, ele deveria ser morto. Além disso, seu pecado era, de certo modo, contagioso. Da mesma forma que o ofensor não deveria tocar no monte, aqueles que o matassem não deveriam **tocar** nele. Portanto, ele deveria ser morto por apedrejamento ou flechadas. Somente quando a **buzina** soasse no terceiro dia, as pessoas deveriam subir **ao monte**. Mesmo assim, eles deveriam reunir-se no sopé do monte em vez de subirem o monte.

Versículos 14, 15. **Moisés** desceu **do monte** para dar essas instruções **ao povo**, e eles fizeram tudo segundo as orientações do Senhor. Moisés indicou que, como parte da preparação dos israelitas para entrar na presença de Deus, eles deveriam interromper as relações íntimas (**não vos chegueis a mulher**) retomando-as somente após a aparição de Deus. Essa abstinência temporária não era exigida porque as relações sexuais são inerentemente pecaminosas, mas porque elas tornavam as pessoas cerimonialmente impuras (veja Levítico 15:18; 1 Samuel 21:4, 5; 2 Samuel 11:6–11).

ISRAEL ENTRA NA PRESENÇA DE DEUS (19:16–25)

¹⁶Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. ¹⁷E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. ¹⁸Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. ¹⁹E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais; Moisés falava, e Deus Lhe respondia no trovão. ²⁰Descendo o SENHOR para o cimo do

monte Sinai, chamou o SENHOR a Moisés para o cimo do monte. Moisés subiu,²¹ e o SENHOR disse a Moisés: Desce, adverte ao povo que não traspasse o limite até ao SENHOR para vê-lo, a fim de muitos deles não perecerem.²² Também os sacerdotes, que se chegam ao SENHOR, se hão de consagrar, para que o SENHOR não os fira.²³ Então, disse Moisés ao SENHOR: O povo não poderá subir ao monte Sinai, porque tu nos advertiste, dizendo: Marca limites ao redor do monte e consagra-o.²⁴ Replicou-lhe o SENHOR: Vai, desce; depois, subirás tu, e Arão contigo; os sacerdotes, porém, e o povo não traspassem o limite para subir ao SENHOR, para que não os fira.²⁵ Desceu, pois, Moisés ao povo e lhe disse tudo isso.

Versículos 16–19. O parágrafo final do capítulo 19 descreve a teofania, a aparição de Deus para as pessoas, **no terceiro dia**. A descida do Senhor sobre o monte deve ter sido magnífica. As palavras vão se somando; as imagens aparecem em uma rápida sucessão, intensificando o efeito da aparição de Deus. O escritor estava tentando descrever o que deve ter sido uma visão indescritível. A aparição do Senhor envolveu os seguintes elementos:

1. Trovão e raios
2. Uma nuvem escura sobre o monte
3. Um som de trombeta muito alto
4. Um monte fumegante
5. A descida do Senhor em fogo
6. A fumaça subia como a de uma fornalha
7. Um terremoto localizado sacudia o monte
8. O som da trombeta ficava cada vez mais alto
9. O Senhor respondendo a Moisés com uma voz parecida com trovão.¹³

Esse fenômeno espetacular chamou a atenção do povo e direcionou-a para Aquele com quem os israelitas estavam firmando uma aliança. Deus não era um rei humano ou um ídolo cego, mas Aquele que usou **trovão e relâmpagos** como Seus servos, que sacudiu o monte e que apareceu na **nuvem** e no **fogo!** Os israelitas deveriam ter percebido que não poderiam desobedecer esse Deus e ficarem impunes. Deus disse que Sua aparição ao povo visava

¹³Essas manifestações são típicas das aparições de Deus em toda a Bíblia.

permitir que eles ouvissem quando Ele falasse com Moisés e fizesse com que eles “acreditassem sempre em [Moisés]” (19:9). Sem dúvida, essas visões e sons também pretendiam motivá-los a guardar a lei que Deus, em breve, daria ao povo por meio de Moisés.

Quando as pessoas ouviram e viram o trovão e os raios, o som **da trombeta** e a nuvem sinalizando a presença de Deus no monte, elas estremeceram. Contudo, Moisés levou o povo **fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte**. Deus, então, conversou com Moisés: **Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão**.

Versículos 20–22. Em seguida, **chamou o Senhor a Moisés** para subir o monte pela terceira vez. Ele disse a **Moisés** para **adverte ao povo** para não se aproximar do monte sob pena de morte. **Os sacerdotes** deveriam **consagrar-se** quando se [chegassem] **ao Senhor**; caso não fizessem isso, **o SENHOR os [feriria]**. Em outras palavras, o próprio Deus os mataria.

Quem eram os “sacerdotes”? Como a lei ainda não tinha sido dada, o sacerdócio aarônico não tinha sido iniciado (veja 28:1). Aparentemente, esses sacerdotes eram aqueles que serviam antes do estabelecimento do sacerdócio aarônico segundo a lei. Provavelmente, eles eram homens jovens, talvez os primogênitos de cada família, que tinham sido dedicados a Deus e que ofereciam sacrifícios para o povo (veja 13:2; 24:5).¹⁴

Versículos 23–25. Aparentemente, **Moisés** não compreendeu o motivo pelo qual **o Senhor** repetiu essas instruções; ele disse que **o povo** já tinha sido instruído a não se aproximar do monte. A resposta confusa de Moisés é compreensível à luz das instruções já dadas (19:12).¹⁵ Contudo, Deus insistiu que Moisés **desce[sse]; depois, subi[sse]**, trazendo **Arão** com ele. Cassuto escreveu, “a declaração de Moisés foi bruscamente rejeitada: ‘Desce’ – faça o que mandei e não questione minhas ordens”.¹⁶ Ele deu a entender que Moisés precisava advertir o povo novamente para não se aproximar. Então, **Moisés** fez o que o Senhor lhe disse que fizesse.

A cena do encontro de Israel com Deus foi majestosa. Cada detalhe estava preparado para a promulgação da lei para o povo.

¹⁴Kaiser, p. 419.

¹⁵A resposta de Moisés não é, como muitos comentaristas modernos afirmam, uma evidência de que o capítulo 19 é um conjunto de textos avulsos reunidos por um editor. (Cassuto, p. 235.)

¹⁶Ibid., p. 234.

APLICAÇÃO

Relacionamento de Deus com Seu povo (19:1–8)

Nessa passagem, a aliança de Deus com Israel define Seu relacionamento com Israel e fornece o cenário para o restante do Antigo Testamento. Além de ser importante por si só, essa aliança também é importante por causa do relacionamento de Deus com Israel na época do Antigo Testamento faz um paralelo com nosso relacionamento com Deus atualmente (1 Pedro 2:9; Gálatas 3:29). Os israelitas tornaram-se o povo de Deus por meio de uma aliança. Nós também temos uma aliança (Hebreus 8:6, 8). A aliança de Deus com Israel pode ser considerada um tipo de aliança de Deus conosco atualmente.

O relacionamento de Israel com Deus era baseado na graça... assim como o nosso. A aliança começa com o que Deus tinha feito (19:4). Ele tinha libertado Israel do Egito enviando pragas para forçar Faraó permitir que Israel partisse. Então, Deus abriu e fechou o mar para salvar Israel e destruir o exército do Faraó. Ele havia atendido às necessidades dos israelitas no deserto, fornecendo orientação (13:21, 22), água (15:23–25; 17:2–6), alimento (16:13–15), vitória na batalha (17:8–13) e organização (capítulo 18). Somos lembrados de que Israel não merecia a libertação nem as bênçãos de Deus (14:10–12; 15:22–24; 16:19, 20, 28; 17:1–4; Deuteronômio 7:6–8; 9:4–6). Pense em tudo o que Deus havia feito por Israel e pergunte: “O que Israel havia feito por Deus? O que, em especial, Israel tinha feito para merecer ser libertado?” Nada! Israel não merecia a salvação.

De modo muito parecido, o relacionamento do cristão com Deus começa com o que Ele tinha feito (Romanos 5:6–9; 2 Timóteo 1:9, 10; Tito 3:5). Somos salvos pela graça. Isso significa que nós, como Israel, não merecemos salvação.

O relacionamento de Israel com Deus era baseado na disposição dos israelitas em aceitar os termos de Deus... assim como o nosso. Considere os termos da aliança de Deus com Israel. Deus exigiu algo de Israel: obedecer à Sua voz e manter Sua aliança (19:5, 6). Israel tinha o direito de aceitar ou rejeitar a oferta de Deus, mas ele não tinha o direito de mudar essa proposta ou ditar os termos para Deus. Israel aceitou Seus termos (19:8).

Deus, tendo feito tanto por nós, dá-nos a oportunidade de termos um relacionamento com Ele. Podemos ser Seu povo, mas podemos escolher. A fim de nos tornarmos Seu povo, devemos aceitar Seus termos. Não podemos mudar esses termos para que

se ajustem a nós nem ditar os termos de nosso relacionamento com Deus ou fazer menos do que Ele propôs. Devemos nos comprometer a fazer tudo o que Ele ordena. Quando nos tornamos cristãos, fazemos uma promessa: “Tudo o que o SENHOR falou faremos”. Nesse momento, não sabemos tudo o que Deus exigirá de nós. Contudo, assim como Israel fez, fazemos um compromisso em aberto, dizendo, verdadeiramente: “Senhor, ainda não sei tudo o que meu compromisso exigirá de mim. Ainda assim, prometo que, assim que tomar conhecimento de Sua vontade para minha vida, eu a cumprirei”.

O relacionamento de Israel com Deus era baseado na manutenção da aliança... assim como o nosso. Desde que Israel fosse fiel à aliança, os israelitas seriam o povo especial de Deus, sob Seus cuidados e proteção. Entretanto, quando as pessoas não obedeciam a voz de Deus ou não mantinham Sua aliança, Ele entregava Israel a seus inimigos.

Vários pecados foram envolvidos quando os israelitas deixaram de cumprir os termos da aliança. 1) Eles esqueceram o que Deus havia feito por eles – como Ele tinha salvado os israelitas pela graça. 2) Eles se associaram intimamente aos incrédulos. Em vez de expulsar os habitantes da terra prometida, eles casaram-se com eles. 3) Eles lembraram-se de seus privilégios, mas se esqueceram de suas responsabilidades. Eles se vangloriavam de ser povo de Deus e de ter Sua presença entre eles, mas viviam como se ter o templo de Deus em seu meio os isentassem de punição por violar a lei de Deus (veja Jeremias 7). Eles esqueceram que o privilégio de ser o povo de Deus veio com a grande responsabilidade de viver como Seu povo.

O relacionamento do cristão com Deus é igualmente baseado em nossa disposição em sermos fiéis à aliança. Com frequência, os cristãos não cumprem suas promessas. 1) Nós nos esquecemos do que Deus tem feito por nós. 2) Estamos contaminados com as atitudes mundanas. 3) Às vezes, nos lembramos de nossos privilégios, mas nos esquecemos de nossas responsabilidades. Nós nos vangloriamos por sermos o “povo de Deus”, mas nos esquecemos de que essa condição traz com ela responsabilidades. Entre essas responsabilidades está a de compartilhar a luz com as outras pessoas a fim de tentar salvar as almas perdidas (veja 1 Pedro 2:9, 10).

Conclusão. Que privilégio Deus nos concedeu em sermos Seu povo! Como Seu povo, devemos tentar viver de acordo com o compromisso que fizemos quando firmamos uma relação de aliança com Ele.